

Desvendando as raízes dos estudos culturais físicos: das reflexões iniciais à institucionalização acadêmica

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal compreender a trajetória de construção dos Estudos Culturais Físicos (ECF) antes de sua institucionalização no meio acadêmico. A problemática central reside na escassez de informações disponíveis sobre os Estudos Culturais Físicos (ECF) em seu estágio inicial, antes de serem formalmente reconhecidos no contexto acadêmico. A metodologia adotada neste estudo consistiu em uma abordagem de pesquisa bibliográfica, conduzida por meio de leituras exploratórias. A partir dessas análises, considera-se que a concepção dos Estudos Culturais Físicos (ECF), advém de diversos acontecimentos históricos e sociais que possibilitaram a criação de uma nova abordagem na produção de conhecimento da Sociologia do Esporte norte-americana e que compreende a subjetividade do corpo/sujeito além da sua capacidade de performance no esporte/cultura física.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos culturais físicos; Estudos culturais; Educação física; Sociologia do esporte; Cinesiologia

Leonel Lima de Sousa

Graduado em Educação Física
Universidade Federal de Mato Grosso,
Faculdade de Educação Física,
Cuiabá, MT, Brasil
leonellima122ibc@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2503-738X>

Beleni Salete Grando

Doutora em Educação
Universidade Federal de Mato Grosso,
Faculdade de Educação Física,
Cuiabá, MT, Brasil
beleni.grando@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5491-2123>

Vitor Hugo Marani

Doutor em Educação Física
Universidade Federal de Goiás, Centro de
Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação,
Goiás, Brasil.
vitor.marani@ufg.br
<https://orcid.org/0000-0003-0972-5043>

Unveiling the roots of physical cultural studies: from initial reflections to academic institutionalization

ABSTRACT

This article aims to primarily comprehend the developmental trajectory of Physical Cultural Studies (PCS) prior to its institutionalization within the academic realm. The central issue lies in the scarcity of available information regarding PCS during its nascent stage, before gaining formal recognition within the academic context. The methodology employed in this study involves a bibliographic research approach, conducted through exploratory readings. Based on these analyses, it is considered that the conception of PCS arises from various historical and societal events that facilitated the creation of a novel approach in generating knowledge within American Sociology of Sport. This approach extends beyond the assessment of sporting performance, delving into the realm of the body's and subject's subjectivity, encompassing facets beyond their athletic prowess in sport/physical culture.

KEYWORDS: Physical cultural studies; Cultural studies; Physical education; Sport sociology; Kinesiology

Desentrañando las raíces de los estudios culturales físicos: desde reflexiones iniciales hasta la institucionalización académica

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo principal comprender la trayectoria de construcción de los Estudios Culturales Físicos (ECF) antes de su institucionalización en el ámbito académico. La problemática central radica en la escasez de información disponible sobre los Estudios Culturales Físicos (ECF) en su etapa inicial, antes de ser reconocidos formalmente en el contexto académico. La metodología adoptada en este estudio consistió en un enfoque de investigación bibliográfica, llevada a cabo mediante lecturas exploratorias. A partir de estos análisis, se considera que la concepción de los Estudios Culturales Físicos (ECF) proviene de diversos acontecimientos históricos y sociales que posibilitaron la creación de un nuevo enfoque en la producción de conocimiento de la Sociología del Deporte estadounidense y que comprende la subjetividad del cuerpo/sujeto más allá de su capacidad de rendimiento en el deporte/cultura física.

PALABRAS-CLAVE: Estudios culturales físicos; Estudios culturales; Educación física; Sociología del deporte; Cinesiología

INTRODUÇÃO

Este estudo empreende a tarefa de reconstituir a trajetória histórica dos Estudos Culturais Físicos (ECF), delineando sua gestação anterior ao processo de institucionalização acadêmica, como campo de conhecimento científico, primordialmente dentro da esfera da Cinesiologia norte-americana e, de maneira mais específica, no âmbito da Sociologia do Esporte nos países anglo-saxões. A apreensão desse processo requer uma meticulosa incursão pelos acontecimentos históricos e científicos preeminentes, aliada à análise das obras de um dos principais artífices desta abordagem, o professor David L. Andrews (ANDREWS, 2000; ANDREWS, 2002; ANDREWS; GIARDINA, 2008; ANDREWS, 2008; ANDREWS; 2015). Estas obras revestem-se de centralidade na construção do tecido investigativo contemporâneo, em domínios como as Ciências do Esporte, a Cinesiologia e a Sociologia do Esporte.

A tessitura coerente da concepção dos Estudos Culturais Físicos se nutre, sobretudo, de cinco trabalhos basilares de David L. Andrews, os quais abrangem artigos e capítulos de livros, a saber: a) *Posting up: french post-structuralism and the critical analysis of contemporary sporting culture* (ANDREWS, 2000); b) *Coming to terms with cultural studies* (ANDREWS, 2002); c) *Sport without guarantees: toward a cultural studies that matter* (ANDREWS; GIARDINA, 2008); d) *Kinesiology's Inconvenient Truth and the Physical Cultural Studies Imperative* (ANDREWS, 2008); e) *Assessing the sociology of sport: On the hopes and fears for the sociology of sport in the US* (ANDREWS, 2015). A tessitura textual não se restringe à obra de Andrews, mas dialoga com outros pensadores e suas produções, tanto subsequentes quanto precedentes a essas obras mencionadas, com a intenção de capturar a tapeçaria histórica da emergência dos ECF no panorama norte-americano.

Um dos fundamentos primordiais ao exame dos Estudos Culturais Físicos se insere no escopo delineado por Alan G. Ingham (1997) no texto *Toward a Department of Physical Cultural Studies and an End to Tribal Warfare*. Neste, é apresentado o embrião da tentativa de criação do Departamento de Estudos Culturais Físicos na Universidade de Miami, cujo esboço é fundamentado em abordagens transversais e interdisciplinares para investigar a cultura física. Concebida na década de 1990, essa iniciativa contemplava um leque de tópicos abarcando desde a atividade motora até o exercício, nutrição, treinamento, enculturação e lazer, todos analisados com um olhar crítico e contextual, permeando as interseções entre a cultura física e as diversas disciplinas da Cinesiologia (INGHAM, 1997).

Uma definição mais lapidar dos ECF encontra-se delineada no artigo de Andrews (2008), *Kinesiology's Inconvenient Truth and the Physical Cultural Studies Imperative*. Nesse ensaio, o autor aprofunda a explanação de que essa disciplina se concentra na análise crítica e teórica das variadas manifestações da cultura física, abraçando desde o âmbito esportivo até as práticas de exercício, saúde, dança e lazer. Deste modo, a pesquisa e ação insculpidas nos ECF radicam na análise dos contextos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos que desabrocham do emaranhado de onde a cultura física emerge.

Lara e Rich (2017) ilustram a diversidade de abordagens presentes na literatura dedicada aos Estudos Culturais Físicos, que se desdobram em recortes temáticos que abrangem projetos, quadros teóricos, movimentos, formações intelectuais, esferas investigativas e enquadramentos conceituais, todos coadjuvantes na configuração deste arcabouço teórico-metodológico para a apreensão e análise do universo esportivo contemporâneo. Não obstante, outros estudos no cenário brasileiro tem desempenhado papel importante na tentativa de apreender as trajetórias político-conceituais dessa abordagem, a exemplo de Sá, Marani e Lara (2021), Sá, Marques e Lara (2023), Sandoli e Marani (2023)

Nesta pesquisa, instruída pela análise da literatura apresentada e referenciada acima, constatou-se a urgência de sondar as origens dos Estudos Culturais Físicos antes de sua cristalização institucional, com foco nas contribuições acadêmicas de David L. Andrews e daqueles que, de forma direta ou indireta, colaboraram na edificação deste campo de conhecimento. Reconhecemos, por certo, os limites inerentes ao exame das produções de um único autor, porém, esta incursão introdutória prenuncia futuras investigações que se debruçarão sobre a história da gênese dos Estudos Culturais Físicos, infundindo um coro polifônico de vozes e, conseqüentemente, novas perspectivas sócio-históricas.

Como metodologia, valemo-nos da pesquisa bibliográfica, cuja configuração é meticulosamente descrita por Martins e Lintz (2000). Este tipo de investigação viabiliza ao pesquisador uma imersão profunda no arcabouço de conhecimento disponível, com a finalidade de arrojara luz sobre determinado tema ou esfera de estudo. As informações foram coligidas por meio de uma exploração cautelosa dos recursos bibliográficos eletrônicos, cotejando-se com interpretações provenientes da tradução das fontes estudadas e enriquecidas pelo diálogo colaborativo com pesquisadores que, no Brasil, abordam a singularidade dos ECF.

Os resultados deste estudo elencam contribuições significativas ao âmbito investigativo, ressoando com o eco de uma lacuna perceptível nas pesquisas dedicadas aos Estudos Culturais Físicos, em especial, no contexto brasileiro/latino-americano. Esta análise do levantamento bibliográfico assinala que, apesar de sua inegável relevância, o tema permanece subexaminado, algo

que esta investigação procura dirimir. Ao fazê-lo, este texto desenha-se como um dos alicerces que poderão orientar futuras investidas no campo, gestando um acervo de conhecimento para os Estudos Culturais Físicos.

INTERSEÇÕES DO ESTRUTURALISMO E DO PÓS-ESTRUTURALISMO NA TRANSFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: perspectivas históricas e sociais nos Estados Unidos

Os trâmites que conduziram à transformação da Educação Física (EF) em países de língua inglesa, repercutindo nas configurações contemporâneas desta disciplina globalmente, foram fundamentados por uma interseção de fatores de notável relevância. Um espectro diversificado de eventos históricos e contextuais marcaram esse período de mudanças, dos quais emerge o estruturalismo como um elemento preponderante. A descrição proposta por Peters (2007) delinea o estruturalismo como um paradigma intelectual, delineador de um método analítico abrangente no âmbito das ciências humanas. Originando-se da linguística e psicologia, essa corrente propagou-se por variados domínios do saber, entranhando-se na sociologia, antropologia e filosofia ao longo do século XX, particularmente em solo francês sob a égide de seus pensadores. Segundo Peters (2007), o estruturalismo enraíza-se na linguística estrutural proposta por Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson, e sustenta-se na abordagem dos sistemas linguísticos enquanto sistemas de signos. Esta perspectiva concebe que a compreensão integral emerge da análise das partes constituintes e suas funções intrínsecas no todo, em que qualquer alteração reverbera na totalidade.

Outro contribuinte essencial à elaboração dessa perspectiva analítica emerge no Estruturalismo de Lévi-Strauss, cujo apogeu na década de 1960 ganhou renome ao revisitar a noção de estrutura inconsciente. Em suas investigações antropológicas, Lévi-Strauss delinea um método que se ampara na análise dos sistemas de parentesco presentes em distintas sociedades e culturas, por meio das formas linguísticas apresentadas nos fonemas.

Conquanto a aproximação com esta esfera de conhecimento seja intrincada, torna-se aparente que nesses estudos empenhou-se em atender a uma necessidade metodológica de escrutinar as estruturas subjacentes das sociedades, configurando sua abordagem à luz do estruturalismo. O ensaio de Peters (2007) atrela o Formalismo Russo, trazido por Roman Jakobson, a esta empreitada. Jakobson defendia um método científico pautado na linguagem, que se afastava dos métodos e abordagens convencionais das ciências humanas e sociais. Esta leitura sublinha a premissa de que a linguística oferece um arcabouço relevante para a apreensão da realidade, reforçando, assim, as perspectivas pós-estruturalistas.

O pós-estruturalismo, como delineado por Peters (2007), ganha destaque nos Estados Unidos da América, marcando-se por reformulações e transformações das teorias estruturalistas ao submetê-las a críticas e questionamentos que desestabilizaram os conceitos então considerados inquestionáveis. Não obstante, o "estruturalistas e pós-estruturalistas entendem a linguagem e a cultura como sistemas simbólicos e desenvolveram estratégias de análises considerando a realidade como uma construção social subjetiva", (AGUILAR; GONÇALVES, 2017, p. 37), entre eles emergem diferenças fundamentais. Enquanto o estruturalismo encara o ser humano de forma essencialmente universal, o pós-estruturalismo descentraliza o sujeito, ancorado na ontologia do presente.

Sob essa perspectiva de Aguilar e Gonçalves (2017), depreende-se que o rompimento com o estruturalismo fomentou uma multiplicidade de teorias, tais como a Teoria do Discurso, Estudos Culturais e Teoria Queer, apresentadas por diversos pesquisadores e aplicadas a uma variada gama de objetos de estudo, abraçando diversos campos. No contexto esportivo, pensadores contemporâneos da filosofia e sociologia reinterpretam o esporte moderno, fundamentando-se em abordagens pós-estruturalistas de pensadores como Jacques Derrida, Michel Foucault e Jean Baudrillard, que facultam novas perspectivas de análise e discussão do fenômeno da cultura ocidental.

David L. Andrews (2000), discorrendo sobre essas abordagens pós-estruturalistas no contexto esportivo, destaca de forma concisa os matizes de seus pensamentos:

A gramatologia de Derrida para desconstruir os fundamentos da modernidade esportiva; a genealogia de Foucault para escavar o status e a influência do esporte como uma instituição disciplinar moderna; a cosmologia hiper-real de Baudrillard para mapear a imersão do esporte em novas regimes de representação (ANDREWS, 2000, p. 116, tradução nossa).

Num diálogo com esses notáveis estudiosos da sociedade contemporânea, Andrews (2000) explana que as lentes pós-estruturalistas incitaram novas perspectivas na sociologia do esporte. Ele ilustra como Derrida contempla o corpo no cenário esportivo, suscitando declarações e questionamentos sobre corpo, gênero, orientação sexual e as intersecções das diferentes etnias, como no caso do corpo negro no "espaço branco". Com Foucault, as contribuições se desdobram no desvelamento das relações de poder que atravessam nossa percepção da realidade como uma verdade estabelecida. Foucault investiga modalidades de poder e a genealogia da sexualidade moderna, revelando como o que era considerado normal ou anormal nas identidades sexuais é uma manifestação destas relações de micro e macro poderes. Ao aludir a Baudrillard, Andrews ressalta sua influência no entendimento da cultura esportiva na sociedade ocidental e capitalista,

transformando-a em um objeto de consumo sob a influência da mídia, conforme a perspectiva pós-estruturalista de análise.

Embora a contribuição de Andrews (2000) seja concisa, ela amplia a compreensão dessas mudanças nas perspectivas teórico-metodológicas para uma leitura crítica da realidade, especialmente no contexto do fenômeno social esportivo. Essa abordagem é habilitada quando ancorada em uma leitura atenta dos fatores históricos que moldam a realidade. O cenário de conflitos surgidos da reestruturação das sociedades pós-guerra gerou impactos nas condições socioeconômicas e científicas, os quais reverberaram naquilo que é considerado uma "ciência relevante". Um exemplo marcante deste processo manifesta-se nos anos 1960 nos Estados Unidos, quando uma reorganização das relações entre Estado, Ciência e Universidade produziu implicações que ecoaram pelo campo científico em todo o mundo ocidental (CALCIOLARI; SORIANO, 2015).

Consoante a Calciolari e Soriano (2015), nos Estados Unidos, a Educação Física (EF) foi diretamente impactada por uma transformação política-educacional, um movimento voltado à ciência e suas contribuições econômicas, tecnológicas e científicas. Neste contexto, a EF perdeu seu status enquanto campo acadêmico, uma vez que sua formação profissional não estava alinhada com os princípios do conhecimento científico e sua pesquisa carecia de natureza básica, impedindo a angariação do capital científico. Isto culminou em sua reconstrução como um conhecimento acadêmico voltado às disciplinas fundamentais que sustentam o edifício daquilo que é considerado ciência objetiva. Ainda que a EF já apresentasse ramificações no âmbito da biologia, a produção do conhecimento estava enraizada na prática.

Segundo Calciolari e Soriano (2015), as contribuições deste estudo evidenciam historicamente a emergência de uma EF acadêmico-científica, contribuindo para o desenvolvimento de pensamentos mais abrangentes na solução de problemas e consolidando-se como um corpo de ciências básicas em subáreas como Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Aprendizagem Motora, Psicologia do Esporte, Sociologia do Esporte, História, Filosofia, Teoria Administrativa e outras (ZEIGLER; McCRISTAL, 1967). A metamorfose da EF convergiu para um status singular, uma via que busca contribuir para o avanço do conhecimento, promovendo desenvolvimento econômico e científico que confere aos Estados Unidos uma posição proeminente na esfera global.

No Brasil, o debate acadêmico em torno da EF se organiza em torno de diversas temáticas de pesquisa e intervenção pedagógica, ampliando a compreensão da Educação Física em harmonia com as Ciências do Esporte. Esta fusão resulta em um campo complexo que se sustenta em diversos referenciais teórico-metodológicos das ciências sociais, humanas, biológicas e da saúde.

CONEXÕES DOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS E SUA MISSÃO NA CONSTRUÇÃO E PRÁXIS DO CONHECIMENTO NA SOCIOLOGIA DO ESPORTE: uma análise histórica e epistemológica

Conforme previamente delineado no contexto do pós-estruturalismo, David L. Andrews (2000) ilumina o fato de que a contemplação do esporte moderno foi provocada por meio da sociologia do esporte, através do prisma de intelectuais notáveis, tais como Derrida, Foucault e Baudrillard. Não obstante, a Sociologia do Esporte trilha um percurso multifacetado em direção ao seu amadurecimento enquanto subárea da Sociologia. Souza e Marchi Júnior (2010), em seu estudo "Por uma concepção do Campo da Sociologia do Esporte: cenários e perspectivas para a construção da Sociologia do Esporte", discernem que essa trajetória começa a se delinear por meio de trabalhos pioneiros como os de Perter Beck - 1796, envolvendo a caça à raposa; Pierce Egan - 1812, explorando as lutas; e Montagu Sherman - 1887-1889, abordando a história e o desenvolvimento do futebol, rugby e atletismo. Entretanto, esses esforços pioneiros careceram de reconhecimento acadêmico, dada a sua origem extramuros do ambiente acadêmico.

De acordo com a explanação de Souza e Marchi Júnior (2010), somente entre os séculos XIX e XX o fenômeno esportivo começou a ser investido com relevância acadêmica, em decorrência dos renomados pensadores clássicos das ciências sociais que estabeleceram ligações entre o esporte e a estrutura de classes. Nesse período, figuras clássicas assumiram a dianteira no debate sobre o corpo e suas técnicas. Estudiosos notáveis, que reverberam até os dias atuais e são pertinentes inclusive no âmbito da Educação Física brasileira, como Marcel Mauss (1902), que formulou e conceituou as técnicas corporais; Max Weber (1904), que fomentou a discussão sobre o vínculo entre o capitalismo e o esporte recreativo da burguesia; Heinz Hisse (1921), ao abordar o esporte competitivo e sua interação crítica com a sociedade industrial; e Johan Huizinga (1938), com sua obra "Homo Ludens", que explorou o jogo como uma manifestação intrínseca à humanidade, permeando aspectos históricos, culturais e sociais. Adicionalmente, a Escola de Frankfurt, representada por Adorno e Horkheimer (1940-1947), ampliou essa compreensão ao contextualizar o esporte em relação à filosofia e analisar tópicos como lazer, esporte e indústria cultural.

Os pesquisadores Souza e Marchi Júnior (2010) elucidam que a organização sistemática e institucionalização da Sociologia do Esporte apenas teve início a partir da década de 1960, devido à própria incipiência da Sociologia no panorama europeu. Eric Dunning, cuja pesquisa de mestrado sobre o desenvolvimento do futebol em 1961 desempenhou um papel significativo, se tornou um dos principais propulsores desse processo evolutivo. Seu impacto culminou na criação do Comitê Internacional de Sociologia do Esporte (ISSA) na Polônia, em 1965, e na inauguração, no mesmo

ano, da Revista Internacional de Sociologia do Esporte, após o primeiro simpósio do ISSA, realizado na Alemanha.

Um aspecto histórico de relevância para compreender esse movimento na sociologia do esporte reside na observação de que tanto David L. Andrews (2000) quanto Souza e Marchi Júnior (2010) aludem às novas abordagens teórico-metodológicas emergentes nas décadas de 1960 a 1980, as quais aprimoraram e aprofundaram o debate em torno do funcionalismo, marxismo, estruturalismo, pós-estruturalismo, interacionismo, etnometodologia, teoria feminista e do discurso, bem como outras vertentes teóricas mais contemporâneas. Nesse contexto, é discernível o crescimento da Sociologia do Esporte na Europa e nos Estados Unidos, culminando em sua institucionalização e evidenciando um incremento nos investimentos acadêmico-científicos que conferiram status às disciplinas das ciências sociais.

Da Sociologia do Esporte aos Estudos Culturais, ambas as vertentes se desenvolveram em simultaneidade, estabelecendo uma conexão intrínseca para a elucidação do fenômeno esportivo contemporâneo. Ecosteguy (2010) traça as origens dos Estudos Culturais na Inglaterra, no final da década de 1950, dentro do programa de pós-graduação em língua inglesa da Universidade de Birmingham. Três notáveis acadêmicos, Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson, desempenharam um papel fundamental na concepção acadêmica dessa disciplina. A linha de pesquisa predominante nesse período examinou as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, explorando suas manifestações culturais, instituições e práticas. Essa orientação foi moldada pelo contexto histórico do período, marcado pela mudança nos valores da classe operária britânica após a Segunda Guerra Mundial. Os Estudos Culturais, conseqüentemente, adotaram uma abordagem mais politizada, enraizada em premissas marxistas, o que resultou em uma ênfase maior no aspecto político em detrimento do analítico.

À medida que suas transformações prosseguiram, os Estudos Culturais incorporaram novas abordagens e perspectivas, como a fenomenologia, etnometodologia e interacionismo simbólico, intensificando as abordagens qualitativas. Esse percurso embrionário, de consolidação e internacionalização, testemunhou a entrada de novas teorias, como as que exploravam as culturas populares, a comunicação de massa, a etnia e a sexualidade, a subjetividade e a identidade, resultando em maior pluralidade. Ainda, contribuíram significativamente para a internacionalização dos Estudos Culturais pensadores contemporâneos como Michel de Certeau, Michel Foucault e Pierre Bourdieu (ECOSTEGUY, 2010).

No artigo "Coming to Terms with Cultural Studies," David L. Andrews (2002) chama a atenção para a relevância dos Estudos Culturais no âmbito da Sociologia do Esporte, destacando sua potencial abordagem para estabelecer uma interlocução mais abrangente entre os Estudos Culturais

e a compreensão da cultura esportiva contemporânea. Andrews também aborda o conceito de "Marxismo sem garantias" de Stuart Hall, estabelecendo uma correlação com o termo "Esporte sem garantia," por ele adotado para abordar a transformação do esporte decorrente do indivíduo e o reconhecimento dos Estudos Culturais na compreensão das formas esportivas, sejam elas nas práticas, produtos ou instituições, e sua interação nas esferas sociais, econômicas, políticas e tecnológicas, entendendo-as como parte integrante do contexto social.

No artigo "Sport Without Guarantees: Toward a Cultural Studies That Matters," David L. Andrews (2008) explora a importância dos acadêmicos da Universidade de Birmingham na consolidação da Sociologia do Esporte, especialmente nas décadas de 1970 e em diante, na trajetória dos Estudos Culturais. Entretanto, ele critica a falta de ênfase no esporte como foco principal de estudo dentro do desenvolvimento dos Estudos Culturais, uma lacuna que permaneceu incompreendida. Andrews oferece uma análise contemporânea do esporte nos EUA, descrevendo como o esporte e o lazer não são simplesmente comportamentos voluntários, mas sim relações complexas no âmbito social, econômico e político. Ele discute a diferenciação entre o estudo do esporte em um contexto reflexivo e prático, abordando a importância de atribuir valor acadêmico a essa disciplina.

Calciolari e Soriano (2015) descrevem o processo de reestruturação da Educação Física como um todo, a fim de garantir sua legitimidade como campo científico. Esse movimento, conhecido como o movimento disciplinar guiado por Franklin Henry nos EUA a partir de 1960, teve um impacto internacional nas instituições de ensino superior que ofereciam Educação Física. Além disso, Reis et al. (2022) observam um crescimento significativo das organizações científicas norte-americanas nas décadas de 1960 e 1970, incluindo a Sociedade Internacional de Biomecânica no Esporte (1967), a Sociedade Internacional de Biomecânica (1973), a Sociedade Norte-Americana para a Sociologia do Esporte (1978) e outras. Contudo, havia a necessidade de uma área central para a Educação Física, que garantisse sua validação científica. A escolha recaiu sobre a Cinesiologia, desencadeando debates epistemológicos substanciais.

Com a ascensão da Cinesiologia como o eixo central da Educação Física, o termo "Educação Física" foi gradativamente suplantado por "Cinesiologia" em departamentos universitários e periódicos científicos. Isso se deu devido à natureza mais conceitual e à maior validação acadêmica e científica da Cinesiologia, em contraste com a Educação Física, que sugeria uma abertura a interpretações direcionais, permitindo várias abordagens, hipóteses e metodologias. Essa crise na Educação Física afetou vários ramos de conhecimento no campo. Em seu artigo "Assessing the Sociology of Sport: On the Hopes and Fears for the Sociology of Sport in the US," David L. Andrews (2015) compartilha sua apreensão sobre o desenvolvimento da Sociologia do Esporte nos

EUA, enfocando a estrutura funcional e os conflitos de abordagens resultantes das estruturas de ensino e da valorização dependente da Cinesiologia no processo de produção científica, bem como sua relevância no ambiente acadêmico, político e científico.

Estabelecendo uma interlocução conceitual, os Estudos Culturais Físicos (ECF) emergem das suposições diretivas, como delineado por Laudan et al. (1993, apud REIS et al., 2022, p. 11). Essas suposições podem ser compreendidas como teorias, enunciados, hipóteses, procedimentos metodológicos e outras estruturas conceituais que se apresentam como propostas ou alternativas no cenário acadêmico-científico. Assim, as suposições diretivas referem-se às abordagens alternativas para a Educação Física que surgiram simultaneamente à Cinesiologia em outros contextos.

A presença dessas suposições diretivas é evidente no artigo de Ingham (1997), intitulado "Toward a Department of Physical Cultural Studies and an End to Tribal Warfare," marcando o início dos Estudos Culturais Físicos (ECF), com a proposta de criar um departamento dedicado a esses estudos na Universidade de Miami, Ohio. Embora não tenha sido completamente implementado, esse movimento foi essencial para a estruturação dos ECF.

Ingham (1997) destaca a influência do pós-estruturalismo na formação dos ECF, juntamente com a discussão das "tribos acadêmicas," que incluem a abordagem tecnicista do conhecimento, a intelectualidade tecnocrática representada por cientistas neopositivistas (a tribo dominante, autores da produção de conhecimento) e a intelectualidade humanista na produção científica, ainda marginalizada, com base na cultura do discurso crítico, que não se limita ao conhecimento restrito ao caráter prescritivo, mas sim à compreensão múltipla de determinantes. Nesse contexto, os ECF surgem como alternativa à Cinesiologia, que predominantemente se concentra na performance motora humana. Os ECF abordam a motricidade humana de maneira multidimensional e multidisciplinar. Na mesma missão dos ECF, o autor descreve que "as práticas do movimento humano são referenciadas por formações culturais, bem como classes sociais, grupos de status e arranjos institucionalizados (religiões, política, mídia de massa) que não são culturalmente físicos ou sistematicamente educacionais."

No artigo "Kinesiology's Inconvenient Truth and the Physical Cultural Studies Imperative," de David L. Andrews (2008), explora-se a crise dos estudos na área das Ciências Sociais dentro da Cinesiologia, causada por fatores acadêmicos, políticos e científicos, e descreve-se mais sobre os ECF, que se desenvolveram na Universidade de Maryland como uma resposta acadêmica. Os Estudos Culturais Físicos (ECF) surgem em contraposição ao conhecimento positivista associado à Cinesiologia, sendo os ECF pós-positivistas. Enquanto a Cinesiologia se concentra em disciplinas de base biológica e suas subáreas, os ECF têm como alicerce teorias e metodologias empíricas provenientes da sociologia, história do esporte e da atividade física, sociologia do corpo e estudos

culturais, considerando como o corpo se expressa ativamente, se organiza e se representa em relação às operações sociais de poder. Os Estudos Culturais Físicos (ECF) se tornam uma ferramenta de interlocução entre conhecimentos, contribuindo assim para a Educação Física/Cinesiologia ao possibilitar uma integração de saberes que anteriormente, encontrava-se pouco recorrente na produção de conhecimento norte-americana.

Conforme explicam Sá, Marques e Lara (2023), os Estudos Culturais Físicos são um campo complexo, abrangendo práticas esportivas, de saúde, dança e movimento, mas não se limitando a elas, caracterizando-se por sua multiplicidade e multimetodologia. Essa abordagem permite aos pesquisadores compreender e abordar questões de desigualdade e injustiça presentes na cultura física e, por extensão, na própria Educação Física/Cinesiologia. As injustiças manifestam-se nos corpos dos indivíduos por meio das expressões culturais físicas e das operações de poder social. Sá, Marani e Lara (2021) enfatizam que os Estudos Culturais Físicos focam nos elementos da cultura física que são influenciados pelas relações de poder, onde a desigualdade e a injustiça são mais pronunciadas, oferecendo um terreno fértil para sua disseminação.

Nesse contexto, os ECF se configuram como um projeto político, no qual os pesquisadores buscam entender os efeitos do poder e das relações de poder. Eles partem do pressuposto de que as sociedades são moldadas por hierarquias distintas, cujas diferenças se manifestam na forma de desigualdades ou injustiças culturais, vantagens ou desvantagens, capacitações ou restrições, capacitações ou desabilitações (SÁ; MARANI; LARA, 2021, p. 13-14).

De acordo com Marani, Sá e Lara (2021), os Estudos Culturais Físicos buscam estabelecer um projeto coletivo e democrático, incorporando uma tensão decorrente da diversidade de abordagens, opiniões e perspectivas, todas direcionadas para o objetivo central de compreender a existência, as operações e as relações de poder conforme manifestadas na esfera íntima e na complexidade do campo e contexto da cultura física. Esses autores descrevem os elementos de convergência dos Estudos Culturais Físicos, incluindo a abordagem empírica, contextual, transdisciplinar, teórica, política, qualitativa, humanista, autorreflexiva e pedagógica. Essas convergências corroboram as descrições mencionadas anteriormente a respeito da formação dos Estudos Culturais Físicos e sua missão na construção e prática do conhecimento.

O desenvolvimento dos Estudos Culturais Físicos, a partir das suposições diretivas e sob a influência do pós-modernismo, representa um ponto de inflexão significativo na busca por uma compreensão mais holística da cultura física. Essa abordagem vai além da performance motora, reconhecendo as complexidades das interações sociais, das relações de poder e das desigualdades inerentes às práticas culturais. As considerações de Sá, Marques e Lara (2023) enfatizam a natureza coletiva e democrática dos Estudos Culturais Físicos, reforçando a necessidade de integrar diversas

perspectivas em busca de um entendimento abrangente da cultura física, sem reduzir suas expressões como efeito da dimensão biológica humana. A abordagem empírica, contextual e qualitativa dos ECF amplia a visão da Educação Física/Cinesiologia para além da esfera puramente biológica, abraçando as dimensões sociais, culturais e políticas que moldam a cultura física.

No entanto, a prática da integração interdisciplinar proposta pelos ECF é uma questão complexa e já criticada em estudos recentes (ATKINSON, 2011; ADAMS et al., 2016; HEYWOOD, 2017). Embora os ECF tenham raízes nas abordagens humanísticas e se proponham a abordar o corpo, a cultura física e as relações de poder de forma holística, o predomínio das abordagens disciplinares ainda é perceptível. A tentativa de Ingham (1997) de criar um departamento de ECF, com o objetivo de promover a integração interdisciplinar, talvez não tenha alcançado plenamente seus objetivos. A integração de saberes em ECF é um desafio constante, uma vez que as disciplinas acadêmicas tradicionais muitas vezes seguem linhas rígidas e especializadas. Para que os ECF alcancem seu potencial de oferecer uma visão ampla, é necessário criar conexões entre as diferentes disciplinas acadêmicas, o que implica em encorajar a colaboração entre pesquisadores de diversas áreas, reconhecendo a complementaridade de seus conhecimentos e metodologias. Reside nesse aspecto, a premissa de diálogo entre as diferentes “tribos” da Cinesiologia, como argumentou Ingham (1997).

O potencial interdisciplinar dos ECF deve ser nutrido e promovido por instituições acadêmicas e por pesquisadores/as que compartilham o compromisso de transcender as fronteiras disciplinares, mesmo que não haja modelos estabelecidos para tal feito. Com esforço conjunto, os ECF podem efetivamente contribuir para um entendimento mais profundo das complexas interações entre corpo, cultura física e relações de poder social. Essas mudanças podem não ocorrer de forma imediata, mas o processo de transformação rumo a uma integração de saberes no contexto dos ECF deve ser constantemente incentivado e explorado, uma vez que representa uma oportunidade significativa de avançar na compreensão do corpo e da cultura física a partir dos atravessamentos de classe social, de gênero, de raça, de etnia, de sexualidade, de deficiência e outros marcadores sociais da diferença.

Em última análise, a jornada delineada nesse percurso de estudos ressalta a importância de uma abordagem crítica e interdisciplinar na compreensão da cultura física. Os Estudos Culturais Físicos emergem como uma lente valiosa para analisar e interpretar as complexidades da cultura esportiva, contribuindo para uma Educação Física/Cinesiologia mais enriquecedora e contextualmente consciente. Como resultado, os Estudos Culturais Físicos emergem como uma alternativa pós-positivista à predominância da Cinesiologia, proporcionando uma abordagem multidimensional e transdisciplinar para a compreensão das interações entre cultura, poder e corpo.

POR UMA SOCIOLOGIA DO ESPORTE PÓS-ESTRUTURALISTA? Possibilidades de investigação e intervenção atravessadas pelos estudos culturais

No intrincado entrelaçamento entre corpo, cultura física e dinâmicas de poder social, surge um interesse crescente no âmbito das ciências sociais, especialmente no campo da Sociologia do Esporte. A emergência dos Estudos Culturais Físicos (ECF) e a infusão do pós-estruturalismo trouxeram novas perspectivas de investigação e intervenção, oferecendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas complexas que permeiam a interseção entre corpo, cultura e sociedade (ANDREWS, 2000). No cerne da proposição feita por Andrews (2000), apoiado na perspectiva dos Estudos Culturais (GROSSBERG, 1997), como alternativa à Sociologia do Esporte, o autor apresenta um arcabouço conceitual composto por seis dimensões distintas, as quais proporcionam uma lente abrangente pela qual podemos explorar os domínios entrelaçados de corpo, cultura e poder social.

Essas dimensões, inspiradas no teórico norte-americano de Grossberg (1997), acenam para a possibilidade de pensar uma Sociologia do Esporte baseada no pós-estruturalismo, como argumenta Andrews (2000), sendo elas: contextual, autorreflexiva, política, interdisciplinar e teórica¹. Esse esforço de diálogo construído por Andrews (2000) ilumina os caminhos pelos quais a Sociologia do Esporte poderia, em sua análise, tornar-se um “tipo particular de prática intelectual politicamente informa” (ANDREWS, 2000, p. 131, tradução nossa). Para o autor, esse exercício de aproximação poderia ser uma estratégia viável de delinear o projeto pós-estruturalista para pesquisas futuras.

Logo, Andrews (2000) nos informa que uma sociologia pós-estruturalista do esporte deveria ser:

- **Radicalmente Contextual:** Essa dimensão examina os contextos históricos, sociais e culturais que fundamentam nossa compreensão de corpo e esporte. Em uma era em que o contexto molda o significado, a dimensão contextual nos permite compreender como os quadros sociais impactam as formas pelas quais percebemos, interagimos e construímos a experiência corpórea. Assim, para Andrews (2000, p. 131, tradução nossa), “o objeto, o método, a teoria e a política da investigação crítica estão inextricavelmente ligados ao contexto em que está envolvida”;

¹ Em textos posteriores, a exemplo de Andrews e Silk (2015) e Silk, Andrews e Thorpe (2017), as dimensões que atravessam os Estudos Culturais Físicos são (re)interpretadas, o que culmina na produção de dimensões complementares, totalizando oito: empírica, contextual, pedagógica, política, transdisciplinar, teórica, autorreflexiva e qualitativa.

- **Autorreflexiva:** A autorreflexão conduz a uma compreensão mais profunda do posicionamento do/a pesquisador/a e do impacto de sua presença no processo de pesquisa. Reconhecer essa dimensão é crucial para evitar a imposição de noções preconcebidas sobre os sujeitos em estudo. Somado a isso, essa leitura convida a autoria a nunca ser, nos dizeres de Andrews (2000), complacente na sua autoridade intelectual, dada a sua possibilidade de reconhecer inadequações e potenciais contradições do conhecimento em produção;
- **Política:** Para o autor, essa dimensão política revela as dinâmicas de poder que perpassam o tecido do corpo e do esporte. Ela desvenda como políticas, sistemas e ideologias culturais se entrelaçam com práticas corpóreas, as quais (re)constroem experiências individuais e coletivas no cenário esportivo. Além disso, esse compromisso político está investido fundamentalmente na preocupação do processo investigativo em compreender, com vistas à transformação social, as realidades vividas pelas pessoas no contexto esportivo e para além dele (ANDREWS, 2000);
- **Transdisciplinar:** Para Andrews (2000), compreensões acerca do corpo e do esporte transcendem fronteiras disciplinares. Assim, a dimensão transdisciplinar destaca o valor de se engajar com campos diversos para forjar uma compreensão holística de seu complexo entrelaçamento, preenchendo lacunas e ampliando perspectivas. Como resultado, borram-se fronteiras tradicionais disciplinares, o que culmina no diálogo entre várias abordagens/teorias/campos de modo a favorecer as análises sobre o fenômeno esportivo;
- **Teórica:** A dimensão teórica constrói a estrutura intelectual que sustenta a exploração do corpo e do esporte, em perspectiva ampla e nada dogmática. Tirando do pós-estruturalismo e dos estudos culturais, a dimensão teórica nos impulsiona a desmontar noções binárias, abraçando a fluidez e multiplicidade no entendimento múltiplo dos fenômenos investigados. Ao contrário da aderência a uma posição teórica única, Andrews (2000) enfatiza a necessidade da(s) teoria(s).

A infusão do pós-estruturalismo e dos estudos culturais contribui, segundo Andrews (2000), para ampliar a abordagem ao corpo e ao esporte no âmbito da Sociologia do Esporte. O pós-estruturalismo, nos dizeres do autor, desafia dicotomias rígidas e compreensões essencialistas do corpo/esporte, o que permite uma compreensão mais fluida e inclusiva de identidades e práticas corpóreas. Da mesma forma, os estudos culturais fornecem ferramentas analíticas para desenterrar a intrincada rede de poder e significado que permeia as representações do corpo e do esporte. Logo, o

esforço de aplicação das dimensões dos estudos culturais junto à sociologia do esporte emerge como proposição que se estende para além do âmbito acadêmico-científico.

O emprego dessas dimensões, serve, na visão de Andrews (2000), não apenas analisar a interação entre corpo, cultura e poder social, mas também intervir de maneiras transformadoras em contextos de injustiça social. Em conclusão, as seis dimensões, impulsionadas pelos princípios do pós-estruturalismo e dos estudos culturais, oferecem uma tela expansiva para explorar o intrincado entrelaçamento entre corpo, cultura e poder social. Essa mudança de paradigma intencionou trazer nova vida à nossa forma de conceituar corpo e esporte no campo da Sociologia do Esporte, proporcionando novas perspectivas de investigação e intervenção que transcendem fronteiras tradicionais. À medida que esse avanço passou a ser identificado em inúmeras produções (FRANCOMBE-WEBB; SILK; BUSH, 2017; THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011; THORPE, MARFELL, 2019; RICH, 2011), os desafios residem em aprofundar tais dimensões em outros contextos – como, por exemplo, o brasileiro – o que contribuirá para desvendar como corpo, cultura e poder se intersectam, influenciando nossa compreensão do mundo esportivo e além. Por fim, a metamorfose trazida pelos ECF e suas dimensões ecoa como uma força transformadora na redefinição da narrativa do corpo e do esporte na sociedade contemporânea, a partir de esforços intelectuais de David L. Andrews na produção de uma Sociologia do Esporte teoricamente informada e socialmente engajada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito central deste artigo foi empreender uma investigação aprofundada sobre a formação dos Estudos Culturais Físicos (ECF) antes de sua institucionalização, através da análise das contribuições acadêmicas de David L. Andrews e de outros autores que, de maneira direta e indireta, contribuíram para a configuração desse campo do conhecimento. A pesquisa emergiu a partir da identificação das lacunas no acesso a artigos em língua portuguesa, ressaltando a escassez de estudos desenvolvidos no contexto brasileiro. Nesse âmbito, é imprescindível reconhecer os esforços dos grupos de pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/CNPq) e Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/CNPq)

Ao longo deste trabalho, pôde-se observar a limitada produção de conhecimento até o momento e, como consequência, procedeu-se à organização da pesquisa de forma cronológica e sistematizada, focada na compreensão da gênese dos Estudos Culturais Físicos (ECF). Esse escopo permitiu a contextualização do processo antecedente à sua consolidação no ambiente acadêmico, ao mesmo tempo que realçou sua relevância contemporânea nos campos da Educação Física e da Sociologia do Esporte.

A análise exposta no estudo evidencia que a construção dos ECF como uma abordagem distinta de leitura e aprofundamento das "práticas corporais" não emerge de forma isolada, mas sim como resultado da convergência de acontecimentos históricos, sociais, culturais e científicos. Essa abordagem, enraizada na perspectiva pós-moderna, desempenha um papel crucial no reconhecimento das transformações político-científicas do ensino e no redimensionamento do escopo da Educação Física e da Cinesiologia contemporânea. Por conseguinte, ela reconfigura a própria maneira pela qual o conhecimento é produzido na atualidade.

A emergência dos Estudos Culturais Físicos decorre de um processo permeado por diversos marcos históricos e sociais, abraçando uma colaboração interdisciplinar. Isso é atribuído à inquietação dos autores, que aspiravam a construir novas perspectivas e formas de abordagem do conhecimento relacionado ao corpo e ao movimento. Como resultado, os ECF não apenas transcendem o enfoque na alta performance esportiva, mas também proporcionam uma lente através da qual o corpo e o movimento são compreendidos em seus contextos habitacionais. Eles exploram como o sujeito é moldado pela subjetividade, influenciado pelas relações de poder e definido pelo espaço social e cultural, em especial no âmbito da cultura física.

Portanto, a análise desenvolvida neste estudo traz contribuições de significativa relevância ao campo da Educação Física ao esclarecer o processo histórico de consolidação dos Estudos Culturais Físicos como um diálogo instigante. Esse diálogo, intrínseco ao respeito pela diversidade dos corpos e pela constante vigilância sobre as dinâmicas de poder que os envolvem, emerge como uma valiosa ferramenta analítica. Encerrando assim, o presente artigo aborda de maneira precisa os principais pilares da formação dos Estudos Culturais Físicos, prévios à sua institucionalização acadêmica. Todavia, resta a necessidade de futuras investigações mais profundas sobre sua gênese, proporcionando um alicerce sólido de informações verídicas que, por sua vez, fomentará o desenvolvimento de uma ciência que reconhece a importância de compreender os sujeitos/corpos e as variáveis subjacentes que os configuram como agentes históricos e sociais.

Por fim, o percurso delineado pelo presente estudo se ergue como um convite à exploração contínua e aprofundada dos Estudos Culturais Físicos, um campo que não apenas enriquece nossa compreensão da cultura física, mas também nos convida a reconsiderar a complexa interseção entre corpo, relações de poder e cultura.

REFERÊNCIAS

- BRASIL AGUILAR, Maria Adriana; PERES GONÇALVES, Josiane. CONHECENDO A PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA: BREVE PERCURSO DE SUA HISTÓRIA E PROPOSTAS. **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 1, p. 36–44, 2017. DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.460>
- ADAMS, M. L. et al. Feminist Cultural Studies: Uncertainties and Possibilities. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 1, p. 75–91, mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.2014-0060>
- ANDREWS, David; SILK, Michael. Physical Cultural Studies On Sport. **Routledge handbook of the sociology of sport**, p. 83-93, 2015.
- ANDREWS, David. Posting Up: French Poststructuralism and the Critical Analysis of Contemporary Sporting Cultures. In J. Coakley & E. Dunning (Orgs.) **Handbook of Sports Studies**. London: Sage, 2000, p. 106-37.
- ANDREWS, David. Coming to Terms with Cultural Studies. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 26, n. 1, p. 110–117, fev. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1177/0193723502261007>
- ANDREWS, David. Kinesiology's *Inconvenient Truth* and the Physical Cultural Studies Imperative. **Quest**, v. 60, n. 1, p. 45–62, fev. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.2008.10483568>
- ANDREWS, David. Assessing the sociology of sport: On the hopes and fears for the sociology of sport in the US. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, n. 4–5, p. 368–374, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/1012690214543125>
- ANDREWS, David; GIARDINA, Michael. Sport Without Guarantees: Toward a Cultural Studies That Matters. **Cultural Studies ↔ Critical Methodologies**, v. 8, n. 4, p. 395–422, nov. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1532708608321573>
- ATKINSON, Michael. Physical Cultural Studies [Redux]. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n. 1, p. 135–144, mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.135>
- CALCIOLARI JUNIOR, Anísio; SORIANO, Jeane Barcelos. A ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-CIENTÍFICA NOS EUA NOS ANOS DE 1960 E SEU IMPACTO PARA A DIMENSÃO ACADÊMICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 21, n. 2, p. 545, 31 mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48111>
- FRANCOMBE-WEBB, Jessica; SILK, Michael L.; BUSH, Anthony. Critical Corporeal Curricula, Praxis and Change. In: SILK, Michael; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017. p. 558-567.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 133-166.
- HEYWOOD, Leslie. Interdisciplinarity and transdisciplinarity in physical cultural studies. In: SILK, Michael; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017. p. 42-50.
- INGHAM, Alan G. Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. In J. Fernandez--Balboa (Org.). **Critical postmodernism in human movement, physical education, and sport**. Albany, NY: State University of New York Press, 1997, p. 157-182.

LARA, Larissa Michelle; RICH, Emma. OS ESTUDOS DE CULTURA FÍSICA NA UNIVERSIDADE DE BATH-REINO UNIDO: DIMENSÕES DE UMA ABORDAGEM MUITO ALÉM DA FISCALIDADE. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 23, n. 4, p. 1311, 25 nov. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.74326>

MARANI, V. H.; SÁ, A. B. D. S.; LARA, L. M. Introdução à obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe. **Acta Scientiarum. Education**, v. 43, p. e59271, 29 nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v43i1.59271>

SÁ SILVA BOAVENTURA DA, Ariane; MARQUES, João Paulo; LARA MICHELLE, Lara. Cultura física e Embodiment no campo dos estudos culturais físicos. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 20, n. 1, p. 170–189, 12 jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.35355/revistafenix.v20i1.1144>

MARTINS, Gilberto de Andrade; LINTS, Alexandre Carlos. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 2000.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença**. São Paulo: Autêntica, 2007.

REIS, Rafael Augusto Marques et al. The disciplinary movement in North American physical education: contributions and limits to the structuring of the scientific field. **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. e234816, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248234816>

RICH, Emma. Exploring the Relationship Between Pedagogy and Physical Cultural Studies: The Case of New Health Imperatives in Schools. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n. 1, p. 64–84, mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.64>

SILK, Michael; ANDREWS, David; THORPE, Holly. Introduction. In: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017. p. 1-12.

SÁ, Ariane Boaventura da Silva Sá; MARANI, Vitor Hugo; LARA, Larissa Michelle. Narrativas autoetnográficas e desafios para a educação física nos Estudos Culturais Físicos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260027, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260027>

SANDOLI, Flávia; MARANI, Vitor Hugo. Corpo e Estudos Culturais Físicos: incursões iniciais. **Interdisciplinar: revista eletrônica da UNIVAR**, v. 15, p. 142-151, 2023. Disponível em: <http://revista.sear.com.br/rei/article/view/344>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. POR UMA GÊNESE DO CAMPO DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE: CENÁRIOS E PERSPECTIVAS. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 16, n. 2, p. 45–70, 13 fev. 2010. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.11159>

THORPE, Holly; BARBOUR, Karen; BRUCE, Tony. “Wandering and Wondering”: Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, [s.l.], v. 28, n. 1, p. 106-134, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1123/ssj.28.1.106>

THORPE, Holly; MARFELL, Amy. Feminism and the Physical Cultural Studies Assemblage: Revisiting Debates and Imagining New Directions. **Leisure Sciences**, [s.l.], v. 41, n. 1-2, p.17- 35, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/01490400.2018.1539684>

ZEIGLER, E. F.; MCCRYSTAL, K. J. A History of the Big Ten Body-of-Knowledge Project in Physical Education. **Quest**, v. 9, n. 1, p. 79–84, dez. 1967. DOI: <https://doi.org/10.1080/00336297.1967.10702790>

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES - Não houve conflito de interesses

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Letícia de Assis

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 29.08.2023

Aprovado em: 15.11.2023

